

## **O diálogo das mulheres adultas com a juventude feminina no documentário Aurora<sup>1</sup>**

**Aissa Lauany Santos de Almeida<sup>2</sup>**

**Maria Luisa Silva dos Santos<sup>3</sup>**

Universidade Estadual de Santa Cruz

### **RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo abordar a relação das mulheres com o cuidado, o processo de socialização feminina, maternidade compulsória e o lugar social da mulher, apoiando-se em conceitos de Badinter (2010), Chocano (2020), Dworkin (1974), Lerner (2019), Meruane (2018), Moura; Araújo (2004), Tourinho (2006), Wolf (1991) e Zanello (2018). Utilizando dessa fundamentação teórica, são citadas as histórias das mulheres entrevistadas para o documentário “Aurora”, uma produção realizada para a disciplina Oficina de Vídeo Educativo do curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres; cuidado; documentário

### **CORPO DO TEXTO**

A feminilidade diz respeito a um conjunto de crenças, valores e comportamentos associados às mulheres, como fragilidade, submissão, dependência, passividade e emotividade. Reforçada pela socialização de gênero, que ensina as mulheres a se secundarizarem e satisfazerem os desejos alheios, ela é uma estratégia patriarcal que conforma as mulheres em seus papéis sexuais, com a finalidade de manter a relação de dominação e exploração estabelecida entre os gêneros.

A socialização feminina é um processo que começa desde cedo. Desde a infância, as meninas são ensinadas a se sujeitar, sendo doces, delicadas e submissas, enquanto os meninos são incentivados à dominação, com o exercício da força, agressividade e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Processos Midiáticos, Infâncias e Juventudes, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV - UESC, e-mail: [alsalmeida@cos.uesc.br](mailto:alsalmeida@cos.uesc.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV - UESC, e-mail: [mlssantos.cos@uesc.br](mailto:mlssantos.cos@uesc.br)

assertividade. Lina Meruane, em seu livro “Contra os filhos”, no qual debate sobre modelos de família e maternidade, aponta que:

“[...] a boneca nos braços não é nada inocente: “Ao dar uma boneca de presente a uma menina se está dando, por acréscimo, sua maternidade”, adverte a escritora chilena Diamela Eltit. “Ao dar presente a um menino um carrinho o que se dá é sua capacidade de dirigir. A capacidade de continuar um caminho e encabeça-lo.” Quem não puder dirigir, deverá ser dirigido, e as mulheres são empurradas a seu destino materno” (Meruane, 2018, p.19)

Conseqüentemente, é esperado das mulheres que sejam responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos, mesmo quando trabalham fora. A personagem Luciana em “Aurora” é um exemplo bem claro desse processo pois, mesmo dedicando boa parte do seu tempo ao trabalho, não deixa de ser responsável pelo bem-estar emocional da família. E, no caso de não se fazer muito presente, será julgada socialmente pelo seu comportamento.

Esse processo acontece porque as mulheres têm sua subjetividade apoiada no dispositivo amoroso e materno; enquanto os homens, tem sua individualidade baseada no dispositivo de eficácia. A base do dispositivo materno é o “heterocentrismo”, pedagogia afetiva que ensina as meninas que devem priorizar os desejos, necessidades e anseios dos outros, em detrimento dos próprios. Ou seja, são vistas e se veem como cuidadoras natas e cuidam muito mais dos outros do que de si mesmas. (Zanello, 2016, 2018, 2022).

Em “Aurora”, a personagem Camila apresenta um perfeito exemplo do modo como o dispositivo materno atua na vida das mulheres. Por volta dos 14 anos, na adolescência, sua tia faleceu e ela se viu na necessidade de cuidar do filho da sua tia, que na época tinha apenas 1 ano. Nas palavras de Camila: “Naquele momento, eu senti que eu precisava ser o apoio. Então, eu larguei escola, larguei tudo - era início de ano, acho que mês de março se eu não me engano...e aí eu fui, fui cuidar dele, fui cuidar da casa, fui cuidar de mainha. {...} Naquele momento não era uma opção ser ou não responsável, cuidar ou não de alguém, a vida tava impondo isso naquele momento pra mim. E eu fui, né?”

Esse relato chama a atenção para o fato de que o dispositivo materno aponta que as meninas e mulheres precisam, sempre, estar disponíveis para cuidar e acolher os outros, sejam familiares, amigos, parceiros, filhos ou, até mesmo, colegas de trabalho e,

consequentemente, reforça a ideia de que o cuidado é uma obrigação natural e inquestionável das mulheres. De outro modo, o serviço materno obrigatório é visto como única contribuição cívica da mulher. (Lerner, 2019; Meruane, 2018)

## **A MULHER PERFEITA**

Na mídia, a maternagem costuma representada como a melhor forma de realização feminina, ressaltando sempre que as mulheres felizes e realizadas têm filhos, enquanto as madrastas ou mulheres sem filhos sempre aparentam infelicidade ou ausência de algo que as faria chegar em seu “final feliz”. Assim, existem duas mulheres possíveis: a que aceita seu destino de mãe, e a que não deseja procriar e, portanto, paga o preço de ser desaprovada socialmente.

A dicotomia entre a mulher obediente e a que desvia da norma é um dos instrumentos mais efetivos do sistema patriarcal e existe há muitos anos. As Leis Médio-Assírias, baseadas nas leituras de todas as traduções existentes de compilações de Leis Mesopotâmicas, por exemplo, dizem o seguinte:

"Nem [esposas] de [lordes] nem [viúvas] nem [mulheres assírias] que saem na rua podem estar com a cabeça descoberta. As filhas de um lorde [...] seja com um xale, um manto ou [uma capa], devem se cobrir. [...] quando saírem sozinhas, devem se cobrir. Uma concubina que sair com sua senhora deve se cobrir. Uma prostituta sagrada que se casar com um homem deve se cobrir na rua, mas aquela que não se casar deve andar com a cabeça descoberta; ela não deve andar coberta. Uma meretriz não deve andar coberta; sua cabeça deve ser descoberta. [...]" (Pritchard, 1955 apud Lerner, 2019, p. 176)

Ou seja, mulheres domésticas, que serviam a algum homem, eram protegidas por ele, designadas enquanto “respeitáveis”, e portanto deveriam fazer uso do véu. Já as que não possuíam proteção e controle sexual de um homem não podiam fazer uso do véu, pois saíam da norma e, por consequência, eram vistas enquanto não-respeitáveis. Assim, a classificação de mulheres em respeitáveis e não respeitáveis se torna um assunto do Estado. Seguindo a mesma lógica, na nossa sociedade, uma das dicotomias utilizadas para dividir as mulheres são: as mães — a mulher que abdica, muitas vezes, da própria identidade para cuidar e priorizar os outros — e as que recusam esse papel e são criticadas ou estigmatizada, sendo vistas como egoístas e incapazes.

Ademais, mesmo aquela mulher que se coloca em segundo plano e prioriza o cuidado com os outros, precisa cumprir um padrão de perfeição. Esse padrão que aqui pontuaremos enquanto um padrão de maternidade perfeita, existe independente da mulher possuir filhos, pois trata-se de uma exigência comportamental.

Naomi Wolf (1991), em seu livro “O Mito da Beleza” declara que os padrões de beleza são instrumentos de controle político, no qual as mulheres, ao serem constantemente bombardeadas com exemplos de corpos e rostos perfeitos — impossíveis de serem alcançados — são controladas e limitadas. Em outras palavras, as normas de beleza não apenas descrevem a relação que as mulheres precisam ter com o próprio corpo, como também definem as dimensões da sua liberdade psíquica. (Dworkin, 1974; Wolf, 1991)

Da mesma forma, a sociedade estabelece um padrão comportamental de mãe perfeita. Em cada cultura, assim como a beleza, o ideal de maternidade varia de acordo com o período histórico. Conscientemente ou não, todas as mulheres o carregam. Elas podem aceitá-lo, rejeitá-lo ou contorná-lo, mas é sempre em relação a ele que seu comportamento é determinado.

E, mesmo que variem de acordo com a época e o lugar, todos eles se fundamentam na mesma ideia: a preocupação da mulher consigo mesma deve dar lugar ao esquecimento de si, e o “eu quero tudo” perde espaço para o “eu lhe devo tudo”. (Badinter, 2010, p. 18). Em outras palavras, a sociedade não está realmente interessada em uma criação perfeita dos filhos, mas no comportamento cego das mulheres enquanto cuidadoras, que precisam obedecer o sistema e internalizar o seu papel social como um aspecto natural da sua personalidade.

Além do mais, esse não é um comportamento exclusivo de mulheres que se tornaram mães. A maternidade compulsória é uma instituição que consegue atuar independente da existência de uma criança. A personagem Márcia em “Aurora” é um exemplo claro disso. Ela não gestou nenhum bebê mas foi mãe em vários momentos da sua vida. Ela afirma que “Eu fui mãe durante vários momentos, eu só não fiz a gestação. Isso é mais um papel social forte pra gente, né? E essa economia do cuidado também são das mulheres.”

Nesse sentido, a boa mulher é aquela que “naturalmente” coloca as necessidades dos outros acima de tudo. Ela é capaz de assumir uma trilogia de papéis: conjugal, maternal e profissional, sem questionar, mesmo que eles se sobreponham e coexistam na maior parte do seu dia. A personagem Camila do documentário “Aurora” fala sobre esse processo de secundarização, em que a mulher precisa sempre estar à disposição para cuidar dos outros. Nas palavras dela: “eu não me vejo não estando a disposição quando as pessoas precisarem de mim e eu não me vejo dando um não, virando as costas se alguém precisar - independente de quem seja.”

Esse processo, muitas vezes, acaba sendo prejudicial para as mulheres, pois na necessidade de priorizar os outros o tempo inteiro, acabam esquecendo de cuidar de si mesmas. Camila traz um relato muito sincero sobre essa questão: “Talvez por sempre ter esse entendimento de que eu preciso estar disponível para cuidar das pessoas quando precisarem de mim, eu nunca me vejo sendo cuidada. [...] Eu não tenho esse direito de pedir e de me deixar ser cuidada, sabe? Porque eu tenho papel de cuidar, então eu acho injusto. Não sei, acho que eu não aprendi a ser cuidada.”

A verdade é que a estrutura social precisa da obediência feminina. A mulher precisa estar o tempo inteiro tentando ser essa mãe perfeita mesmo que ela nunca consiga chegar na perfeição que se espera — que vai além do seu tratamento com seus filhos, caso ela tenha. Consequentemente, essa relação cria um caráter alienante no desempenho do papel social feminino, em que ela se preocupa tanto com o cumprimento dessa obrigação, que não lhe resta tempo para pensar e avaliar sua condição social, e a ideia enraizada na sua posição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo se revela por meio de imagens, muito antes que a linguagem falada aconteça. A menina, desde que nasce, recebe mensagens de outdoors, cartazes, filmes, séries de televisão, propagandas, cosméticos e moda que afirmam o seu papel social enquanto um indivíduo que precisa atender a determinados padrões de comportamento.

Esses padrões dizem que ela precisa ser submissa, inocente, vulnerável, bondosa e útil. Sendo assim, como que essa garota, ao crescer, se comportaria de forma diferente? Em outras palavras, como afirma Carina Chocano (2020), as histórias

funcionam como uma espécie de “colonização interior” que socializa as meninas, desde cedo, a um desigual sistema de gênero, com o qual elas concordam muito antes de compreendê-lo.

Nesse sentido, o documentário intitulado *Aurora*, produzido pelas alunas Aissa Lauany, Bruna Cleisla e Maria Luisa Silva, visa discutir a responsabilização e o papel social das mulheres na atividade do cuidado, partindo do pressuposto de que elas, enquanto classe sexual, são induzidas desde o princípio, por meio de vários dispositivos a assumirem esse papel e, principalmente, internalizarem que isso é natural e, portanto, não é passível de questionamento.

Ademais, por se tratar de uma produção que objetiva atingir as meninas adolescentes, tem um caráter social importante no que diz respeito à criação de consciência do lugar social que estas ocupam, antes que estejam tão envolvidas em suas responsabilidades, que não consigam se quer pensar sobre o processo de construção da sua identidade e as instituições que se beneficiam com ela.

## REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elizabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.
- CHOCANO, Carina. **Mulheres imperfeitas**: Hollywood, Cultura Pop e a Construção dos Falsos Estereótipos Femininos no Mundo Moderno. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020. 343 p.
- DWORKIN, Andrea. **Woman Hating**. Dutton. 1974
- LAUANY, Aissa. **AURORA**. YouTube, 12 jul. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=e\\_J42qjkh8o&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=e_J42qjkh8o&t=2s).
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MERUANE, L. **Contra os filhos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Todavia, 2018.
- MOURA, S. M. S. R. de. ARAÚJO, M. F. de. (2004, março). **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos**. Psicologia. Rev. Ciencia e profissão. V. 24 (1), p. 44-55. Disponível em: . Acesso em 11 abr. 2023.
- TOURINHO, Julia Gama. **A mãe perfeita**: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. IGT na rede, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p. 1-33, 2006. Disponível em: . Acesso em: 11 abr. 2023.
- WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1991.

ZANELLO, Valeska **Saúde mental, gênero e dispositivos**. In: DIMENSTEIN M.; LEITE, J.; MACEDO, J. P.; DANTAS, C. (org). Condições de vida e saúde mental em assentamentos rurais. 1. ed. São Paulo: Intermeios Cultural, 2016, p. 23-43

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**. Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022. 144 p.